



QUANDO A MÚSICA, TOCADA E CANTADA, TAMBÉM É TERAPÊUTICA?! RELATO DE VIVÊNCIAS ¹

Gilmar Poli², Jardel Antonio Lazzarotto³

A música pode atuar como o efeito de gatilho ou sugestões de lembranças quando o que se ouve desperta uma circunstância do passado. Mas o nosso inconsciente não é mero depositário do passado, contendo também as sementes de futuras idéias e situações psíquicas, conforme Fregtaman (1989, p. 46). Logo, este trabalho tem a pretensão de relatar quão a música, tocada e cantada, num ambiente hospitalar junto a pessoas que estão em sofrimento psíquico, pode ser terapêutica, através do que se tem observado enquanto melhora do estado que levou a hospitalização destas pessoas. A finalidade deste relato de experiência é de apresentar os benefícios que a música causa nas diferentes patologias, onde a mesma foi usada. Neste sentido é que se pode afirmar que a música humaniza e pode ser inserida no dia-a-dia do cuidador, como uma alternativa para um novo jeito/modo de cuidar. Esta atividade iniciou junto ao serviço Cuca Legal, em agosto de 2006, serviço paralelo ao hospital Bom Pastor – HBP, que auxilia pessoas com transtorno psíquico, e posteriormente começamos a cantar para as pessoas hospitalizadas juntamente com o grupo de Canto Em-Canto que realiza o projeto de extensão A música como instrumento terapêutico no processo de cuidado com o objetivo de levar a música a todos os espaços de dois hospitais na cidade de Ijuí - o Hospital de Caridade de Ijuí e o Hospital Bom Pastor. Surge então, a realização deste trabalho com o uso da música que realizo a cada quinze dias, as quartas-feiras pela tarde, como voluntário junto ao Programa de Socialização de pessoas em sofrimento psíquico, hospitalizadas no Hospital Bom Pastor de Ijuí. Os relatos que descrevo a seguir decorrem deste trabalho. Neste realizei atividade de socialização com os pacientes, visito os quartos das pessoas e toco e canto músicas populares de nossa cultura. Percebo que as pessoas cantam junto, agradecem, batem palmas, retribuem a música com um sorriso, pedem pra voltar sempre que possível, e isto, é o que motiva a realização deste trabalho. Desta forma, percebe-se que ajuda na recuperação dessas pessoas, pois a alegria causa bem estar e motiva a lutar pela vida, dando esperança e força para enfrentar as adversidades da vida. Certo dia, realizei a recepção para internação de uma jovem de 17 anos com diagnóstico, de depressão profunda, para tratamento. Conduzi à paciente até o quarto, em uma cadeira de rodas, pois ela, não tinha forças para andar, tentei num primeiro momento conversar com a cliente, mas quem respondia as perguntas era a mãe da jovem, que relatava já ter tentado todas as formas de tratamento e não obtinha resultado. E foi naquele mesmo dia a tarde que realizei a socialização com os internados que por indicação da psicóloga do local é necessário fazer. Resolvi fazer o convite a esta jovem que aparentemente não iria participar. Fiz o convite e toquei uma música, ainda no quarto desta jovem. Notei seus lábios se mover, repetindo as frases da música que eu cantava, ela participou da reunião, escolheu músicas na apostila usada e cantou junto com os demais, fazia aquilo sem perceber. Esta jovem retornou para sua casa em três dias, completamente diferente do dia que internou, agora deambulando e com um sorriso no rosto. Tentando mostrar as diferentes situações vividas, em uma dessas visitas me deparei com um menino advindo da



APAE de nosso município. Bastante agitado, com pouco discernimento do certo ou do errado, mas confesso, que quando entrei no quarto me assustei um pouco, mas reagi, cantei para ele, e para as pessoas que ali se encontravam. E para minha surpresa este menino foi se acalmando, fazia gestos que queria tocar também o violão que eu tocava, entreguei o violão pra ele, ele batia as cordas com as pontas dos dedos, agora calmo e tranqüilo, não parecendo mais aquele menino de antes. Sua mãe ficou muito feliz, e na noite seguinte mãe e filho conseguiram dormir quase a noite toda, coisa que segundo o relato do dia seguinte da mãe isto não acontecia há vários dias. Esta é mais uma prova que a música é uma alternativa de cuidado sim, independente da patologia que a pessoa possui. No ultimo encontro, algo me chamou a atenção, eram cinco pacientes que tinham em comum a mesma patologia, depressão. Distribui as apostilas com as músicas, e relatei a eles qual era o objetivo da atividade, de cantarmos juntos. Como resposta, ouvi quase que em coro, não sabemos cantar. Então escolhi uma música que tinha preparado pra ser a ultima, aquela pra encerrar, que fala da vida, que é preciso saber viver, e cantei pra eles olhando em seus olhos, aos poucos começaram a se integrar. No final da atividade instiguei-os, para cantarmos nos quartos das pessoas que não puderam se deslocar ate ali, e assim aconteceu. No final, passamos em todos os quartos e cantamos e o relato daqueles que antes não sabiam cantar, era que agora os mesmos sentiam-se capazes e satisfeitos com o que tinham acabado de realizar. Portanto, mais uma vez a música rompe com barreiras e comprova que os benefícios transpõem ao esperado à medida que as pessoas sentem-se capazes de cantar e aos poucos vai melhorando o quadro clínico e psíquico que a levou para a hospitalização. Então, de acordo com as vivências apresentadas no encontro com estes usuários, a música tocada e cantada, permite inferir que se consiste numa atividade terapêutica.

¹ Relato de experiência

² Enfermeiro, Professor no curso de Enfermagem, Unijui, membro do Grupo de Canto Em-Canto, coordenador do Projeto de Extensão “A música como instrumento terapêutico no processo de cuidado”, Mestre em Educação nas Ciências. gilmarp@unijui.edu.br.

³ Estudante do curso de Enfermagem da Unijui, membro do Grupo de Canto Em-Canto e bolsista PIBEX/Unijui do Projeto de Extensão “A música como instrumento terapêutico no processo de cuidado”. jardel@unijui.edu.br.